

Cinema na tevê: um estudo das produções ficcionais da RBS TV

Miriam de Souza Rossini

Introdução

A proposta deste artigo é apresentar o modelo de produção do Núcleo de Especiais da RBS TV,¹ para, a partir disso, compreender os aspectos estético-narrativos das produções ficcionais que são apresentadas em dois programas televisivos na emissora: *Histórias curtas* (curtas-metragens feitos a partir de editais da emissora) e *Curtas gaúchos* (seleção de curtas-metragens feitos no Rio Grande do Sul e apresentados na emissora). Pretende-se comparar o conjunto de filmes ficcionais² exibidos em cada programa a fim de identificar as permanências e as rupturas empreendidas em cada projeto tendo em vista que os filmes, embora tenham sido feitos por profissionais do campo cinematográfico, visam a diferentes meios: a televisão e o cinema. Não é, portanto, uma análise de cada episódio da série, individualmente, mas do conjunto dos episódios ficcionais que compõem cada programa.

O Núcleo de Especiais da RBS, coordenado por Gilberto Perin, completa onze anos em 2011, e nesse período movimentou o espaço de produção e de distribuição de produtos ficcionais gaúchos. Daí o interesse em analisarmos, neste artigo, como a aproximação entre os dois campos, o televisivo e o cinematográfico, converge a partir de tais experiências de produção conjunta, para realizarem algo que vai além do cinematográfico ou do televisivo, que é o audiovisual. Para compreender quais as características estéticas e narrativas desses produtos é que serão analisados os filmes exibidos no *Histórias curtas* em 2009, produzidos naquele ano a partir do edital de 2009, e os filmes selecionados pela emissora, entre as produções recentes no Estado, para serem exibidos na edição 2010 de *Curtas gaúchos*. Vão ser analisados: as temáticas, os modelos narrativos, a montagem e o uso da linguagem audiovisual nos filmes.

1_ Rede Brasil Sul de Telecomunicações (RBS): empresa gaúcha que reúne diferentes mídias e atividades vinculadas à comunicação, entre elas a televisão. A empresa é afiliada à Rede Globo de Comunicação, e possui empreendimentos comunicacionais que se estendem do Rio Grande do Sul a Santa Catarina, no Sul do Brasil.

2_ Embora os dois programas exibam filmes ficcionais e documentários, a análise abará apenas os filmes ficcionais.

Esta discussão faz parte do projeto de pesquisa “Convergências entre imagens audiovisuais: marcas narrativas, estéticas e mercadológicas no cinema gaúcho”, desenvolvido com apoio do CNPq.³

Produzindo para o Núcleo de Especiais da RBS TV

Em Julho de 1999, estreava o primeiro programa produzido pelo Núcleo de Especiais da RBS TV: a série *Os vinte gaúchos que marcaram o século XX*. Segundo Gilberto Perin (2009), idealizador do Núcleo junto com Alice Urbim e Raul Costa Jr., a intenção era colocar no ar programas com temáticas relacionadas à cultura gaúcha. Nisso, eles se mantinham fiéis à proposta de criação da então TV Gaúcha, em 1962: ser essencialmente uma televisão gaúcha. Embora tenham se vinculado à Rede Globo em 1971, a agora RBS TV mantinha a mesma disposição, algo que se via pelos slogans da emissora ao longo dos anos: “aqui o Rio Grande se vê”; “RBS TV, a tevê dos gaúchos”, etc.

Ser afiliada da Rede Globo também impunha obrigações e limitações, como explica Gilberto Perin (2009: 20):

existem cláusulas da relação entre as duas empresas que regulam os aspectos comerciais e de espaço da programação. A RBS TV ocupa os horários optativos de programação que a Globo libera para exibição da programação regional. É o caso dos documentários e episódios de ficção produzidos pelo Núcleo de Especiais no Rio Grande do Sul, com programas de 15 minutos, uma vez por semana (sábados, 12h20min); e eventualmente algumas séries aos domingos, depois do programa *Teledomingo*.

Além dessas questões de horários, há ainda o fato de que a Rede Globo, desde os anos setenta, instituiu o Padrão Globo de Qualidade, que define a qualidade técnica, estética e temática das suas produções. Esse padrão também deve ser observado pelas suas afiliadas. Em termos dos telespectadores da RBS TV, esse padrão é cobrado, pois, assim como a Rede Globo, a empresa gaúcha procura se distinguir das demais pela qualidade dos seus produtos e pelo avanço tecnológico.

Raul Costa Jr. (2009), ex-diretor de produção do RBS TV, explica que desde o princípio foi traçada uma série de metas que deveriam ser seguidas pelo Núcleo. Em todas elas,

³_ Integram o grupo de pesquisa a Dra. Fatimarlei Lunardelli (UFRGS/Unisinós) e os alunos de Iniciação Científica do Curso de Comunicação da UFRGS: Álvaro Bernardi (BIC/CNPq), Alexandra Zortéa (PIBIC/UFRGS) e Maurício Pflug (BIC Voluntário).

observa-se a necessidade de fomentar o mercado audiovisual local, buscar a inovação no tratamento de temáticas locais e estimular a criatividade na produção audiovisual. A sustentabilidade dos projetos desenvolvidos pelo Núcleo ou apoiados por ele é outro eixo importante, pois é o que permite a manutenção desses produtos na grade da emissora.

Para dar conta desses eixos, organizados em oito itens, foram testados diferentes modelos de produção ao longo dos anos, que podem ser sintetizados nos seguintes modelos: produção própria da RBS TV, com diretor e/ou equipe convidada; projeto de produtora independente em co-produção com a RBS TV; editais da RBS TV para seleção de projeto de produtoras independentes. Esses modelos são observáveis a partir dos próprios produtos, sendo que os projetos podem ser de documentários, de docudramas (híbridos de ficção e documentário) e de ficção. Em geral, as produções estão organizadas enquanto séries de programas. Algumas são microsséries, enfocando um personagem ou grupo de personagens, como *A família Brasil* (2009), ou *Fantasia de uma dona de casa* (2009). Outras são seriados unitários, agrupados sob um título guarda-chuva como os que escolhemos para análise: *Histórias curtas* ou *Curtas gaúchos*.⁴

O Núcleo garante distribuição e divulgação para todos os produtos desenvolvidos nos projetos, ou seja, fecha o ciclo de produção, algo tão difícil para muitos filmes brasileiros, em especial de curta-metragem. Eles também contam com o apoio do Barrisul, o Banco do Estado do Rio Grande do Sul. Esse apoio, aliás, é muitas vezes criticado por alguns produtores de cinema, como se lê no editorial do boletim número 82, de janeiro de 2008, da APTC-RS:⁵ "o apoio do Barrisul ao projeto Histórias Curtas da RBS é importante, mas segue os interesses da emissora de televisão e de modo algum substitui o implemento do cinema."

Apesar de algumas críticas, em especial em função do modelo de financiamento do *Histórias curtas*, o que se observa é que o Núcleo de Especiais da RBS TV tem movimentado o mercado audiovisual local, apostando em produtos novos e de formatos variados. Nesse sentido também promove a experimentação de linguagem e de temática, que é um dos aspectos importantes apontados por Raul Costa Jr.

Se olharmos para o ano de 2001, que é quando a produção do Núcleo se estabelece, observaremos um pouco dessa variedade. Naquele ano se produziu a série de documentários *Mundo Grande do Sul*, sobre imigrantes no Estado, em que cada episódio foi dirigido por um diretor convidado; *Contos de inverno*, curtas de ficção em parceria com a Casa de Cinema de Porto Alegre; a série de documentários *Memória especial*, sobre fatos históricos gaúchos; as séries *Histórias curtas* e *Histórias extraordinárias*; três programas sobre o Natal: *Natal Grande do Sul*, *Minha história de Natal* (12 episódios de 3 minutos) e *Natal Luz 2001*. Também se exibiram quatro filmes nos *Curtas gaúchos*.

4_ A classificação segue aquela proposta por Ana Maria Figueiredo (2003).

5_ Associação Profissional dos Técnicos Cinematográficos do Rio Grande do Sul.

Em 2009, a série *Histórias curtas*, que analisaremos, dividiu a grade com: a série de quatro episódios do documentário *Porto Alegre dos Açores*; duas séries ficcionais feitas em co-produção com a Casa de Cinema de Porto Alegre: *Fantasia de uma dona de casa* e duas temporadas de *As aventuras da família Brasil*, cada uma com quatro episódios; a série de quatro episódios do documentário *A era dos dinossauros*, sobre os dinossauros no Rio Grande do Sul; três episódios do *Especial de 10 Anos*, que comemorava a primeira década do Núcleo, além dos tradicionais *Histórias extraordinárias* (cinco episódios) e *Minha história de Natal* (três episódios).

Essa produção extensa e contínua movimentou tanto os profissionais da própria empresa quanto profissionais de produtoras estabelecidas no Estado. Dentre os parceiros mais constantes observa-se a Casa de Cinema de Porto Alegre, que é uma das mais conhecidas produtoras do Rio Grande do Sul. Criada em 1987, a empresa realiza os filmes e demais projetos cinematográficos dos membros da Casa, e estabelece parcerias com diferentes emissoras de televisão. Além da RBS TV, ela co-produz com a Rede Globo de Televisão e com outras emissoras nacionais e internacionais. Em abril de 2011, a série *Mulher de fases*, co-produzida com a HBO, entrou no ar.

Também é possível observar, pela grade de produção do Núcleo de Especiais da RBS TV, que alguns projetos de documentários são desenvolvidos por uma única produtora, como a Accorde Filmes (que realizou *A era dos dinossauros*, em 2009) ou a Estação Elétrica (que produziu *Na trilha dos rios*, em 2007).

Num levantamento feito por Brittos e Luz (2009: 123), constatou-se que

até 2001, não existia um mercado de produção de teledramaturgia no Estado, o que inviabilizava qualquer tipo de especialização na área. Com o prêmio *Histórias Curtas* e o rápido aumento das produções da RBS TV, foi se criando o hábito de dirigir, produzir e atuar para televisão. Levantamento realizado junto às produções veiculadas pelo Núcleo no período de 1999 até 2006, verificou-se que estiveram envolvidos, no total, 5.850 profissionais técnicos nas equipes de produção, além de 1.098 atores.

Nos últimos anos, o que se observa é que muitos profissionais recém-formados nos novos cursos de realização audiovisual abertos no Estado são os que mais se envolvem com o Núcleo. Talvez por isso um dos aspectos abordados no texto de Brittos e Luz ainda ocorra: os baixos cachês pagos pela emissora para os profissionais de empresas independentes que trabalham com a RBS TV em co-produção, sem que haja reclamação por parte dos respectivos sindicatos. Afinal, para um profissional que está se inserindo no mercado, a janela de exibição aberta pela RBS TV significa atingir um público que, de outra forma, dificilmente se atingiria. Ou, como afirmam Brittos e Luz (2009: 123),

As equipes enxutas e a verba curta são as dificuldades para o trabalho na produção de qualquer programa de ficção da RBS TV. No entanto, ter o nome da casa e a garantia de exibição para um público de 1 milhão de espectadores atrai apoiadores, além de dar credibilidade nas solicitações a órgãos públicos e privados.

Produzir com a RBS implica, portanto, mais ganhos simbólicos do que financeiros, propriamente dito. A produtora Aletéia Selonk (2009), da Okna Produções, deu o seguinte depoimento durante um evento de extensão na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que exemplifica a questão:

o *Histórias Curtas* impõe um ritmo de produção muito árduo no que diz respeito aos recursos que são dados e, contrapondo aos recursos, a responsabilidade da exibição é grande. O que acontece? A gente vai lá, diz: vamos concorrer ao *Histórias Curtas*, e a gente ganha, e quando a gente ganha, a gente fala: ah, a gente se comprometeu a fazer essa história com essa estrutura, nesse prazo. Só que no final vai cair lá na televisão do nosso Estado, e é uma exibição que alcança milhões de pessoas. E aí como é que eu vou falar: "pô, equipe, vamos fazer aqui do jeito que dá, pois é isso que eles estão nos dando"? Não, na hora H, você se reúne com os profissionais; a gente se olha e fala: "vamos fazer o melhor que for possível mesmo". Claro que de maneira nenhuma estou aqui desvalorizando o valor que é dado no prêmio, mas é que, na verdade, eu acho que o valor desses filmes prontos, de todos do *Histórias Curtas*, são filmes que valem muito mais do que aquele prêmio, porque a gente reúne os melhores profissionais do mercado. Só que todo mundo fala: "legal! Vamos fazer o *Histórias Curtas*? Vamos!". Só que o investimento é tamanho, porque na hora que a gente ganha o prêmio, a gente se dá conta que uma exibição vai fazer com que o nosso trabalho chegue a milhões de pessoas numa vez só, e isso muito nos interessa.

Outro aspecto que é apontado pelos realizadores é a limitação quanto ao assunto, à linguagem, às imagens mostradas, em especial por causa do horário em que a maioria dos programas é exibida: sábados às 12h20min, quando, normalmente, as famílias estão almoçando. O diretor Carlos Gerbase (2009: 53), que é um dos sócios da Casa de Cinema e conhecido pelo cunho erótico dos seus filmes, faz o seguinte comentário:

quando se discutem os programas de teledramaturgia que a RBS TV produz e exhibe naquele horário tradicional logo depois do Jornal do Almoço, não é o que está interdito em relação ao sexo, e sim o modo como (menos eventualmente do que se supõe) o sexo está lá e quais são os seus limites, considerando o horário da exibição [...].

Por isso, ele simplifica, ironicamente: “há sempre uma opção possível e confortável para roteiristas e diretores; estabelecer, *a priori*, que a história não deve ter qualquer apelo erótico” (*idem*). Não é apenas o sexo, porém, que é interdito. Há uma variedade de temas e de enfoques que acabam sendo evitados, conscientemente ou não, a fim de que os produtos sejam aceitos pelos telespectadores gaúchos, em geral muito conservadores. Observar o conjunto dos curtas-metragens apresentados em dois programas, *Histórias curtas*, edição 2009, e *Curtas gaúchos*, edição 2010, nos permite olhar mais atentamente tais aspectos.

Tensionamentos de produção entre cinema e televisão

Na grade de programação da emissora, há dois programas que veiculam predominantemente ficção: o *Histórias curtas* e o *Curtas gaúchos*. Este, aliás, foi o que inaugurou a apresentação de curtas na televisão gaúcha em 2000, porém, em apenas um ano, apresentou praticamente toda a produção local dos anos 1980 e 1990. No ano seguinte, começou a selecionar a produção recente para a grade da emissora, diminuindo bastante o número de filmes exibidos. Também é nesse momento, 2001, que o Núcleo amplia seus formatos de produção, conforme vimos.

Em 2010, foram apresentados nove filmes de curta-metragem: oito ficções e uma animação. As ficções foram: *Enciclopédia*, de Bruno Barreto; *Dormindo no escuro*, de Cris Werle; *Caminhos*, de Fernanda Boff e Vinícius Bock, *Futebol Sociedade Anônima*, de Cintia Langie e Rafael Andreazza; *Mapa Mundi*, de Pedro Zimmermann; *A dimensão do reflexo*, de Rafael Onzi; *Segura na mão de Deus*, de Elisa Simczak Treuherz e William Linhaes; *A invasão do Alegrete*, de Diego Müller; e a animação *Vida de personagem*, de Alexandre Linck.

Desse material, cinco foram selecionados a partir de filmes produzidos nas universidades. Da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) foram selecionados: *Segura na mão de Deus* e *Caminhos*. Da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) foram escolhidos: *Vida de personagem*, *A dimensão do reflexo* e *Dormindo no escuro*. Quanto aos demais, *Enciclopédia* foi produzido pela Okna Produções; *Mapa Mundi* foi produzido pela Martins Produções; *A invasão do Alegrete* foi produzido pela GM2 Filmes. Todas essas produtoras são de Porto Alegre. A exceção é *Futebol Sociedade Anônima* que foi produzido por uma produtora do interior do Estado, a pelotense Moviola Filmes. A Okna Produções (de Aletéia Selonk) e a Martins Produções (de Regina Martins) pertencem a produtoras com longa experiência em realização audiovisual no Rio Grande do Sul. Já a GM2 Filmes e a Moviola Filmes são empresas novas e formadas por profissionais que, em sua maioria, estão no mercado há menos de dez anos. A maioria dos filmes escolhidos, portanto, são de produções universitárias ou de filmes feitos por empresas novas, o que ajuda a demonstrar que a grade da emissora funciona também como vitrine para uma nova geração de profissionais do audiovisual.

Quanto às temáticas abordadas, observa-se uma variedade de enfoques, com ênfase em problemas existenciais, em especial a solidão, e amorosos. Mesmo as três narrativas que trazem crianças como protagonistas (*A dimensão do reflexo*, *Enciclopédia* e *Caminhos*) abordam essas temáticas; *Enciclopédia* e *Caminhos*, por exemplo, tratam das agruras do primeiro amor. Dois filmes trazem personagens identificados com a figura do gaúcho: a comédia *A invasão do Alegrete* e *Mapa Mundi*, que pertence ao gênero fantástico.

O *Histórias curtas* é o outro modelo ficcional tradicional da RBS TV, produzido através de edital desde 2001. Ao longo dos anos, esse edital foi se modificando para dar conta das demandas dos produtores. Assim, se em 2001, apenas filmes de ficção com atores podiam se inscrever, hoje já são aceitos filmes documentários e animações, desde que a temática seja livre. Outra exigência é quanto à duração, que varia de 10 a 12 minutos para ficção e documentário, e de 7 a 12 minutos para animação. Atualmente, é necessário que apenas o diretor do filme comprove que reside no Rio Grande do Sul, pois o edital é para o desenvolvimento do mercado local de teledramaturgia.

O ritmo de produção, como explicou Selonk, é acelerado. Os roteiros selecionados são divulgados em maio e precisam estar prontos em outubro, quando começam a ser exibidos no horário de almoço. Recentemente, criou-se uma cláusula que obriga o diretor de cena e o roteirista a participar de uma Oficina de Criação, ou terá seu projeto desclassificado, pois um dos problemas enfrentados em edições anteriores era a dificuldade de o projeto ser desenvolvido no tempo previsto. Desse modo, começava a ficar explícita a diferença entre os modelos produtivos televisivos e o cinematográfico, já que o primeiro é regido por uma urgência de finalização que o outro não tem, pelo menos no Brasil. Cada edital prevê a produção de oito curtas, em parceria entre produtoras gaúchas e a RBS TV.

Em 2009, foram feitos cinco filmes de ficção, dois documentários e uma animação, o que dá uma proporção semelhante ao do *Curtas gaúchos*. As ficções foram: *Caderno vermelho*, de Maria Clara Bastos; *O boxeador*, de Leonardo Wittmann; *Sem sinal*, de Vicente Moreno; *Um breve assalto*, de Zeca Britto, e *À moda antiga*, de Bruno Carvalho. Os documentários foram: *A jaqueta do Elvis*, de André Constantin, e *Luz e sombra no paralelo 30*, de Rene Goya Filho. A animação foi: *O retorno de Saturno*, de Lisandro Santos.

Quanto às produtoras, a maioria também é de empresas que está há pouco tempo no mercado: Alecrim Produções Culturais (*Caderno vermelho* e *Um breve assalto*), Firma Filmes (*O boxeador*), Transe (*A jaqueta do Elvis*), Estação Elétrica (*Luz e sombra no paralelo 30*) e Cartunaria Desenhos (*O retorno de Saturno*). A exceção é a Surreal (*Sem sinal*), de Marta Biavaschi, produtora que tem bastante tempo de atuação no mercado gaúcho. Assim como as empresas, o que se observa pela ficha técnica dos filmes é que muitos dos membros das equipes técnicas são da nova safra de realizadores que chegaram ao mercado a partir dos novos cursos de realização audiovisual. Isso repete o que vimos nos *Curtas gaúchos*.

Outros aspectos podem ser ressaltados. Em termo de temáticas, o *Histórias curtas* também enfoca predominantemente a solidão e as relações amorosas, mesmo nos filmes que tematizam a infância (*À moda antiga* e *O boxeador*). A relação entre avós e netos aparece muito nesses filmes que envolvem a infância, seja no *Histórias curtas* seja no *Curtas gaúchos*. Não há, porém, personagens marcados pelo gauchismo, como havia nos *Curtas gaúchos*.

Observando as duas temporadas dos programas, vê-se que a imposição de temática livre vale para as duas programações, em função do horário de exibição e do público-alvo. Além da infância, também há a presença de famílias nas histórias. Em apenas um dos filmes, a família era disfuncional, e foi num *Histórias curtas* (*Sem sinal*, em que a filha abandona a família para seguir um estranho).

Quanto ao gênero, observa-se o predomínio do romance e da comédia nas duas programações. Ou seja, para chegar à televisão naquele horário é preciso achar temáticas e enfoques mais amenos, como avisa Gerbase. Apesar disso, no *Histórias curtas* há dois dramas familiares (*O boxeador* e *Sem sinal*), e nos *Curtas gaúchos* há três filmes que dialogam com o surreal (*A dimensão do reflexo*, *Dormindo no escuro*, que foram feitos pelos alunos da Unisinos, e *Mapa Mundi*).

Quanto à estrutura narrativa, os filmes dos *Curtas gaúchos* costumam ser mais elaborados, com alternâncias de espaço e tempo maiores. Talvez as produções do *Histórias curtas*, até pelo pouco tempo de realização que possuem, são mais formais, narrativamente. A nova imposição de que o roteirista e o diretor precisem participar de um curso de roteiro também deve ter como efeito uma certa padronização no modelo narrativo, ou pelo menos no ritmo de desenvolvimento da narrativa.

Em termos de estética, também os filmes do *Curtas gaúchos* inovam mais, tanto em montagem quanto em enquadramentos e planos. No entanto, há mais fusões e efeitos especiais nos filmes feitos para o *Histórias curtas*. Não dá para dizer que um e outro tenham, no entanto, ritmos muito diferentes de montagem, que os caracterizem como produtos de cinema ou de televisão.

Talvez o que mais se ressalte entre um grupo e outro de filmes seja o próprio ritmo da produção e a necessidade de fazer o produto em menos tempo, dentro de um cronograma rígido e de um controle maior por parte da empresa financiadora do projeto.⁶ Essas

6_ O diretor Fabiano de Souza que fez o curta-metragem *O louco*, adaptação de um conto de Dyonélio Machado para a série *Escritores Gaúchos* (2007), posteriormente reeditou o material para transformá-lo num longa-metragem, ainda inédito. Nesse processo, segundo depoimento do diretor, houve a necessidade de trabalhar digitalmente as imagens a fim de corrigir pequenos problemas decorrentes da produção para a televisão, já que naquele momento o tempo se sobrepunha à qualidade técnica final do produto. (Encontro Socine, 2010). Nota dos organizadores: v. texto de Fabiano de Souza neste livro.

marcas da rapidez do processo aparecem às vezes no *Histórias curtas*, embora todos os filmes da edição de 2009 sejam muito bem produzidos.

Olhando, porém, o conjunto do material há um aspecto que é menos visível: o modelo de sociedade que se constrói a partir desses filmes. Por um lado, como já referi, o público gaúcho é um dos mais conservadores do país; zela em especial pelas suas tradições. Assim, como a RBS TV quer manter o vínculo com esse público (o que é expresso nos slogans da empresa), não se percebe entre os filmes selecionados temáticas que tensionem o imaginário local, que reveste o gaúcho de positividade e bravura. E isso tanto no *Histórias curtas* quanto no *Curtas gaúchos*. Uma comédia como *A invasão do Alegrete*, por exemplo, pode brincar com o espírito guerreiro do gaúcho, mas não com sua valentia. Por isso é possível imaginar um médico idoso e seu ajudante defendendo a cidade do Alegrete de uma fictícia invasão da cidade vizinha, Uruguaiana, ambas no extremo sul do Estado.

Apesar desse heroísmo embutido na figura do gaúcho, há nos filmes que enfocam temas urbano um outro aspecto dessa sociedade, em especial a porto-alegrense: os personagens são tristes, solitários e estão quase sempre em busca de algum romance ou de sentido para a vida. E isso vale para todas as idades.

Tratar desse tipo de disfunção ao meio dia é interessante, pois outros aspectos não são abordados por causa do horário. Por exemplo, nas edições analisadas dos dois programas não aparecem histórias que enfoquem qualquer tipo de exclusão (racial ou social, por exemplo) ou de violência, embora esses temas sejam tratados nos noticiários do mesmo horário. O filme pelotense, *Futebol Sociedade Anônima*, é o que traz uma maior diversificação de tipos físicos e sociais.

No geral, o que se percebe é uma sociedade branca, classe média, instruída, que não enfrenta problemas maiores do que os desafios do primeiro amor na infância (*Enciclopédia, Caminhos, À moda antiga*), ou na adolescência (*Caderno vermelho*). Num estado em que a insegurança pública é constantemente denunciada, o único filme a abordar a questão é uma comédia romântica (*Um breve assalto*).

Se a proposta é falar para o local, mas olhando para o mundo, o que se observa nessas ficções é uma sociedade falando para ela mesma, a partir da sua própria auto-representação. Nesta sociedade ideal gaúcha não há exploração e nem explorados, não há insegurança social, não há excluídos e nem preconceitos. A matriz de auto-representação dessa sociedade gaúcha é, assim, alimentada e alimentadora da programação televisiva. Essa positividade de se ser gaúcho impregna a maioria das narrativas e se traduz no modo como os personagens reagem àquilo que foge ao seu controle.

Esses aspectos das narrativas não tiram o mérito, porém, dos dois projetos analisados neste artigo. A partir dos editais e das seleções do Núcleo de Especiais da RBS TV, equipes técnicas e artísticas vêm aprimorando a realização ficcional audiovisual no Estado e/ou encontrando espaço para divulgar os seus produtos para um público maior do que eles encontrariam, muitas vezes, em salas de cinema. A produção audiovisual ficcional, por sua vez, mantém uma continuidade e amplia seus espaços de difusão, ao abrir um novo nicho na grade televisiva.

Referências

BRITTOS, Valério Cruz; LUZ, Jéssica do Vale. (2009). "O sistema de produção de teledramaturgia na RBS TV". In: *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, nº 39, agosto.

COSTA JR., Raul. (2009). "Conceitos da produção de conteúdo local: a experiência da RBS TV". In: DUARTE, Elizabeth Bastos; CASTRO, Maria Lília Dias de (orgs.). *Núcleo de Especiais RBS TV: ficção e documentário regional*. Porto Alegre: Sulina, p. 33-39.

FIGUEIREDO, Ana Maria (2003). *Teledramaturgia brasileira: arte ou espetáculo?* São Paulo: Paulus.

GERBASE, Carlos. (2009). "Sexo ao meio dia: os limites da TV". In: DUARTE, Elizabeth Bastos; CASTRO, Maria Lília Dias de (orgs.). *Núcleo de especiais RBS TV: ficção e documentário regional*. Porto Alegre: Sulina, p. 51-60.

PERIN, Gilberto. (2009). "10 anos regionais, de olho no mundo". In: DUARTE, Elizabeth Bastos; CASTRO, Maria Lília Dias de (orgs.). *Núcleo de especiais RBS TV: ficção e documentário regional*. Porto Alegre: Sulina, p. 19-23.

SELONK, Aletéia. (2009). *Palestrante do evento Audiovisual gaúcho: convergências entre cinema e Têvé*. Realizado no dia 19 de setembro, na Sala Redenção da UFRGS.